



A destruição do Caldeirão da Santa Cruz na imprensa de Pernambuco: o medo de Canudos e da Intentona Comunista

Moisés Diniz de ALMEIDA¹

Resumo

O artigo sobre o movimento do Caldeirão de Santa Cruz, ocorrido no Ceará, remete à memória de Canudos e com uma novidade: a ameaça comunista. Havia pouco mais de dois anos que a imprensa noticiara o levante militar, ocorrido na cidade de Natal no Rio Grande do Norte. A sublevação se estendeu por outros estados, mas logo foi debelada violentamente, iniciando-se uma caça aos comunistas. Como uma das bases da revolta foi o Nordeste, o Caldeirão foi associado ao levante vermelho. Em pleno Estado Novo, vigorando a ditadura de Getúlio Vargas, o ajuntamento dos fiéis é debelado rapidamente. As notícias e editoriais analisados, compostos com expressões, frases e palavras, são importantes nas apreciações dos signos e símbolos criados em torno do movimento em questão. A investigação realizada foi de caráter qualitativo, utilizando-se da análise de discurso para compreensão dos fatos, na medida em que há uma integração entre o escrito manifesto, o que estava visível e invisível no texto. A intenção é desvendar o porquê desse tipo de narrativa, produzindo, então, outra visão dos fatos que marcaram a História do Brasil.

Palavras-chave: Caldeirão; movimentos religiosos; Estado Novo; imprensa.

The destruction of the Caldeirão da Santa Cruz in the Pernambuco press: the fear of Canudos and the Intentona Comunista

Abstract:

The article about the Caldeirão de Santa Cruz's movement, which occurred in Ceará, refers to the memory of Canudos and with some news: a communist threat. It would have been a little more than two years that the press would report the military uprising that occurred in the city of Natal in Rio Grande do Norte. The upheaval extended to other estates, but it was soon violently quelled, starting a hunt for communists. As one of the bases for the uprising was the Northeast, the Caldeirão was associated with the red uprising. In the middle of the Estado Novo, with the dictatorship of Getúlio Vargas in effect, the gathering of the congregation is rapidly quelled. Both the news and the analyzed editorials, composed of expressions, phrases and words, are important in the appreciation of the signs and symbols created around the movement in question. The investigation done was of qualitative character, utilizing the speech analysis for the comprehension of facts, to the extent that there is an integration amidst the written manifest, with what was visible and invisible in the text. The intention is to unveil the cause behind this type of narrative, producing, thus, another vision of the facts that marked the history of Brazil.

Keywords: Caldeirão; religious movements; Estado Novo; press.

¹ Doutor em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor Adjunto do Colegiado de História da Universidade de Pernambuco (UPE) *Campus* Petrolina e do Colegiado de Direito da Faculdade de Petrolina. *E-mail*: moises.almeida@upe.br





La destrucción del Caldeirão da Santa Cruz en la prensa de Pernambuco: el miedo a Canudos y la Intentona Comunista

Resumen

El artículo sobre el movimiento Caldeirão de Santa Cruz, ocurrido en Ceará, se refiere a la memoria de Canudos y con una novedad: la amenaza comunista. Habían pasado poco más de dos años desde que la prensa informó sobre el levantamiento militar ocurrido en la ciudad de Natal, en Rio Grande do Norte. El levantamiento se extendió a otros estados, pero pronto fue sofocado violentamente, iniciando una cacería de comunistas. Como una de las bases de la revuelta era el Nordeste, Caldeirão se asoció con el levantamiento rojo. En pleno Estado Novo, con la dictadura de Getúlio Vargas vigente, la concentración de fieles fue rápidamente sofocada. Las noticias y editoriales analizadas, compuestas con expresiones, frases y palabras, son importantes en la apreciación de los signos y símbolos creados en torno al movimiento en cuestión. La investigación realizada fue de carácter cualitativo, utilizando el análisis del discurso para comprender los hechos, ya que existe una integración entre la escritura manifiesta, lo visible y lo invisible en el texto. La intención es desentrañar el por qué de este tipo de narrativa, produciendo así otra visión de los hechos que marcaron la Historia de Brasil.

Palabras clave: Caldeirão; movimientos religiosos; Estado Novo; prensa.

Introdução

A imprensa de Pernambuco sempre esteve atenta aos acontecimentos do Ceará, dando especial atenção à liderança do Padre Cícero Romão Batista. As informações sobre os grupos que aquele sacerdote ia formando ao longo de sua trajetória de prócer não apenas religioso eram publicadas nos jornais pernambucanos. Por exemplo, em 15 de março de 1909, o *Jornal Pequeno* reproduziu uma notícia do *Unitário*, de Fortaleza, dando conta de que o sacerdote de Juazeiro tinha uma colônia de beatos na cidade do Crato e que essas pessoas estavam realizando trabalhos, do tipo limpeza de roças. A informação relata que havia uma atividade no Sítio Baixa D'Antas, distante oito quilômetros do Crato, e que seria o primeiro local a colocar em evidência um dos líderes do movimento do Caldeirão: José Lourenço.

O articulista do jornal, espantado com a quantidade de pessoas que o Padre Cícero reunia para essas empreitadas nos sítios e nas roças, afirmou que era melhor que elas trabalhassem em vez de ficar rezando o tempo todo de rosários nas mãos:

A numerosidade espanta-nos. A coisa, porém, com que vai tomando o caminho que desejáramos: - mais enxadas, menos rosários, mais trabalho e menos reza, com maior segurança de boa vida na terra e agrado de Deus, que vem supomos não gostar de vadios (*Jornal Pequeno*, 1909, p. 2).



Por essa informação, começamos nossa análise sobre os fatos narrados na imprensa de Pernambuco, relacionados ao Caldeirão de Santa Cruz, localizado no interior do Crato-CE, no período de 1926 a 1936. Salientamos que essa investigação ocorreu à luz dos eventos sobre Canudos, pois, alhures, realizamos investigações analisando como a imprensa pernambucana reverberou um dos maiores conflitos ocorrido no sertão baiano (Almeida, 2001; 2022).

Ler e compreender os fatos a partir da imprensa pernambucana, ou de qualquer outra fonte de informação, coloca-nos frente a uma série de teóricos que nos orientam na interpretação a partir das análises de conteúdo e de discurso. Nesse sentido, as leituras de Bourdieu (1996; 1998a; 1998b), Chartier (1990; 2002), Gagnebin (2006), Woitowicz (2015) e Herscovitz (2007) nos ajudam a compreender as representações que são feitas a partir das narrativas na imprensa. Se Foucault (1998) foi um âncora para a nossa compreensão na análise do discurso, Orlandi (1999) ajuda-nos a compreender que o enunciando deve ser encarado como um processo que se dá sobre a língua, como base, no encontro de uma memória, que, por vezes, será revisitada, ou até mesmo, intencionalmente, será esquecida. Por sua vez, Pêcheux (1978) afirma que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia e é assim que a língua faz sentido. Foi com base nesses e em outros aportes teóricos/metodológicos que almejamos mostrar como na imprensa, em especial na de Pernambuco, a elite branca e litorânea construiu sua narrativa do movimento em questão, criando símbolos e signos, deixando, com isso, uma marca quase indelével na construção imagética dos eventos que envolveram o Caldeirão de Santa Cruz.

Caldeirão na imprensa pernambucana: preconceitos recorrentes

No dia 28 de fevereiro de 1935, o *Diário de Pernambuco* publicou um artigo titulado “Os fanáticos do Caldeirão”, assinado por Antônio de Alcantara Machado, abordando a situação do Sítio Caldeirão e fazendo uma análise da liderança dos dois principais beatos do movimento: José Lourenço e Severino Tavares. Para o escritor, eles estavam explorando a memória do Padre Cícero no Cariri, fanatizando a população e obrigando-a a trabalhar. “Lavrando a terra, os romeiros se transformaram em colonos, não se limitando em apenas rezar, construir igrejas e venerá-los, mas principalmente, preparar o espírito para as bem-aventuranças” (Machado, 28 fev. 1935, p. 2).

Incomodava ao autor do artigo a prosperidade do Sítio Caldeirão, “onde as safras são cada vez mais vastas e mais compensadoras”. Numa análise bastante preconceituosa, ele considerava os dois: “malandros”, “canalhas”, “pândegos” e “sócios fantasiados de taumaturgos”. Apesar dessas considerações, a “exploração” dos romeiros não era totalmente negativa para Alcântara Machado, porque representava um “progresso” e não deixava de ter utilidade, recebendo uma lição de trabalho e “não se embrutecendo na ociosidade e crendice” (Machado, 28 fev. 1935, p. 2).

O autor do artigo, Antônio de Alcântara Machado, compara o Caldeirão com Canudos e afirma que José Lourenço não era nenhum Antônio Conselheiro, não se limitando a receber a veneração e fomentar o analfabetismo dos fiéis, exigindo deles devoção e trabalho. “José Lourenço e Severino talvez estejam desmoralizando no Cariri, a profissão de beato. É um serviço que o Nordeste lhes fica devendo (Machado, 28 fev. 1935, p. 2).

Em relação à Intentona Comunista, ocorrida em 1935, os eventos que aconteceram em Caldeirão no ano posterior foram logo relacionados a esse fato. No dia 17 de setembro de 1936, o *Diário da Manhã* estampou a manchete “Uma experiência do regimen comunista no sertão do Ceará” e transcreveu a informação do Rio de Janeiro, repassada por um telegrama de Martins Rodrigues, secretário do Interior, e recebido pelos senadores Edgard de Arruda e Waldemar Falcão, da Liga Eleitoral Católica do Ceará.

O modo como José Lourenço conduzia o Caldeirão, onde tudo era feito por todos e todos recebiam os benefícios de seus trabalhos de forma igualitária, foi percebido, pelas camadas dominantes, como uma experiência comunista em pleno sertão cearense. Some-se a isso a aproximação geográfica entre os estados do Ceará e Rio Grande do Norte (Almeida, 2011, p. 77).

Constava na informação que a polícia, há muito tempo, estava recebendo denúncias acerca de um agrupamento de “fanáticos” chefiados pelo Beato José Lourenço, num lugar denominado Caldeirão, município do Crato, constituindo “possível ameaça à ordem pública”. Ao ser informada, a força militar procedeu diligências reservadas, chegando a “extinguir” o reduto, que já se irradiava, segundo a notícia, por vários pontos do Nordeste (*Diário da Manhã*, 17 set. 1936, p. 3).

No local do ajuntamento, segundo a informação, foi realizado um censo pela força militar, constatando-se que muitos fiéis eram do Rio Grande do Norte, notícia que coincidiu

com a perspectiva do articulista, o qual afirmava que o espaço era um reduto comunista oriundo da Intentona, eclodida naquele estado em ano anterior: “O chefe de polícia apurou que cerca de cinquenta por cento dos fanáticos são constituídos por elementos vindos do Rio Grande do Norte, nos últimos seis meses, deixando esse fato presumir, tratar-se de foragidos do movimento de novembro” (*Diário da Manhã*, 17 set. 1936, p. 3).

Em 1936, o Diário de Pernambuco publicou dois extensos artigos sobre o assunto, mas, antes de analisá-los, é importante observarmos o que de fato ocorreu em setembro daquele ano, no Sítio Caldeirão. Para isso, é preciso recordarmos que o Padre Cícero, proprietário do sítio e falecido em 1934, tinha deixado no testamento a propriedade para os padres salesianos, que decidiram tomar o sítio e indenizar o beato pelas benfeitorias lá realizadas. Para requerer a propriedade, a Ordem contratou advogados, que utilizaram como estratégia para recuperá-lo a divulgação de que lá era uma nova Canudos e que Lourenço possuía armas escondidas, sendo uma ameaça ao Estado e à sociedade por ter franca tendência comunista. O advogado dos Salesianos, na época Norões Milfont, não apenas espalhou boatos, mas conseguiu enviar uma pessoa para o Sítio Caldeirão no intuito de monitorar as ações dos seus moradores.

O capitão José Gonçalves Bezerra foi ao Caldeirão disfarçado de industrial, interessado nas possibilidades econômicas da região, especialmente em relação à indústria de oiticica. O espião ficou na residência de José Lourenço, observando o que as pessoas produziam e os costumes sistemáticos dos fiéis. Mas, no seu relatório, produziu inverdades, tais como afirmar que o Caldeirão era “novo Canudos, coito de fanáticos e do terrível perigo comunista” (Cariry, 1982, p. 195). Após essa espionagem, o interventor do estado do Ceará Francisco Mendes Pimentel se reuniu com os advogados da ordem Salesiana, com o bispo do Crato e outras autoridades para avaliarem a situação e decidirem se era o caso de intervenção. Depois da apresentação do relatório, decidiu-se pela tomada do Caldeirão.

O Caldeirão foi invadido e o tenente Jose Góis de Campos Barros produziu um relatório no dia 10 de setembro de 1936, publicado oficialmente em 1937. Segundo ele, naquela localidade, fizeram batidas em todos os casebres, prendendo homens que foram conduzidos para a casa do engenho, ponto previamente escolhido para esse fim. Para Alves (2012), a força policial suspeitava que os camponeses tivessem armas escondidas e não tiveram complacência com as residências, invadindo-as e saqueando-as, na tentativa de descobrir o arsenal escondido.

Depois dessa devassa, o tenente Góis de Campos Barros reuniu a comunidade e solicitou que cada família juntasse seus pertences e voltasse para os seus locais de origem, oferecendo passagem de trem e de navios, que foram rejeitadas pelos fiéis (Barros, 1937).

Foi isso o que ocorreu naquele mês de setembro de 1936, pouco noticiado na imprensa de Pernambuco. Mas os fatos geraram, como já falamos anteriormente, duas notícias extensas publicadas no *Diário de Pernambuco*, com comparativos entre Canudos e Caldeirão, reproduzindo os boatos sobre a integridade dos fiéis e dos líderes do movimento.

A primeira das duas notícias sobre o Caldeirão e José Lourenço é do dia 01 de outubro e tem como manchete principal: “Zé Lourenço, o Santo do Caldeirão, no Crato”. O texto inicia dizendo que o fanatismo é um dos aspectos mais contristadores do sertão brasileiro, notadamente do sertão nordestino, onde o fenômeno é mais frequente. Isso é resultado, segundo o articulista, da ignorância e da miséria, que produzem “andrajosos e famintos”, que são aptos a reunirem-se em torno de um santo, “que lhes impõe a sua vontade e exerce sobre eles uma ascendência moral impressionante” (*Diário de Pernambuco*, 01 out. 1936, p. 14). A história do Brasil registra episódios semelhantes, a exemplo da Guerra dos Quilombos², da Campanha de Canudos e do Juazeiro do Padre Cícero, argumentou a notícia. Todos esses eventos, quando narrados pela imprensa, via de regra, são relacionados aos fatos políticos que estão sendo vivenciados naquele momento. Em Caldeirão não foi diferente, sendo o medo ao comunismo uma das estratégias para debelar aquela comunidade.

As narrativas dos eventos também são carregadas de boatos. Existia na época um que dizia que Lourenço tinha um harém com dezesseis mulheres, as quais viviam em promiscuidade, o que era repetido pelo jornal: “Ele era um déspota. Um sultão matuto. Nem lhe faltava para a semelhança, com os sultões, um numeroso harém” (*Diário de Pernambuco*, 01 out. 1936, p. 14). Usava-se, como discurso balizador, a questão da moral e dos bons costumes, argumentos que, ainda hoje, são utilizados não apenas em artigos na imprensa, mas especialmente em redes sociais. A notícia dava conta ainda de que Caldeirão vinha sendo centro de convergência dos romeiros do Padre Cícero, ultimamente recebendo cerca de cinquenta pessoas por dia, levando presentes e dinheiro.

² Compreendemos que o autor do artigo se referiu a Guerra dos Quilombos, a todos os eventos que envolveram as lutas dos escravos no período colonial, especialmente a de Palmares.

Quinze dias após publicada a primeira notícia, o mesmo jornal trouxe mais informações acerca da vida de José Lourenço. O título da matéria foi “O Patriarca Zé Lourenço, curiosos detalhes de sua vida e de seus prosélitos no interior cearense, encaminhador de promessas e senhor de 15 mulheres – a subida para o céu...”. Novamente, a fonte da informação é de Fortaleza, datada do dia 13 de outubro e, segundo as características do formato da organização da narrativa, foi escrita pela mesma pessoa que escreveu a notícia publicada no dia 01.

Chamam atenção as características pessoais do beato, destacadas na notícia: “Um esperto caboclo já entrado em anos, tomara a si, discricionariamente, a tarefa de orientar e dirigir os moradores do lugar, que o olhavam com respeito e veneração, acatando sem discussão as suas ordens” (*Diário de Pernambuco*, 15 out. 1936, p. 14). Logo após essa informação, vieram os detalhes do lugar, que, para o jornal, tinha cerca de duas mil pessoas, distribuídas em quatrocentas casas, “sem nenhum preceito moral ou higiene, praticando e professando ritos religiosos excêntricos e estranhos, mais repelentes do que os ‘candomblés’ africanos” (*Diário de Pernambuco*, 15 out. 1936, p. 14). As questões morais, de higiene e o preconceito contra as manifestações de matriz africana direcionaram a tônica da persuasão aos leitores. A estratégia já tinha sido organizada anteriormente e os detalhes manipulados pelo narrador já expressavam, de fato, a que objetivo queria chegar.

As ilações são parte da narrativa do jornal, induzindo o leitor ao preconceito e ao ódio. Nesse sentido, Woitowicz (2015) afirma que o discurso funciona a partir de um ponto de vista do imaginário da época, como vemos nas citações do *Diário de Pernambuco*. A distorção leva o leitor a uma visão equivocada da realidade prática:

[...] o discurso jornalístico tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos como também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário. A partir das formas de inscrição da historicidade na linguagem, podem-se perceber os processos midiáticos que atuam na perpetuação e construção de determinados sentidos em detrimento de outros, organizando os acontecimentos de modo a orientar – simbolicamente – uma dada visão da realidade (Woitowicz, 2015, p. 126).

A matéria seguiu dando detalhes de cerimônias religiosas, das celebrações da Semana Santa e da Ordem dos Penitentes, elementos comuns à religiosidade popular medieval, que fora transplantada para o Brasil Colônia pelos colonizadores e se espalhou pelo sertão. Porém, para o articulista (*Diário de Pernambuco*, 15 out. 1936), tudo parecia uma novidade, estranha aos

ritos católicos oficiais, praticado pelos fiéis que residiam no litoral. É como salienta Foucault (1998, p. 08) em reação à produção de narrativas e discursos:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Em 1937, exatamente em 01 de janeiro, o *Diário de Pernambuco* publicou uma extensa entrevista com Djacir Menezes, intelectual cearense e, segundo o jornal, um estudioso dos problemas nordestinos. Apesar de ser uma rica fonte de informação, interessou-nos a sua opinião sobre o Caldeirão, que não ficou distante do que já analisamos e dissertamos até aqui. Menezes repetia o que já tinha sido publicado na imprensa, abordando a liderança do beato, o harém com suas “virgens” etc. Ele afirmou, na entrevista, que as condições sociais gravavam a mentalidade fanática e os jagunços acreditavam agir com forças naturais que não compreendiam (Menezes, 1937, p. 5).

O discurso racista, eugenista e cientificista elaborado incisivamente no século XIX continuava a permear o pensamento dos intelectuais daquela época, caracterizado extensivamente no texto de Menezes. O negro, o jagunço, o índio, o pobre do interior, todos são considerados inúteis, tristes e com a mentalidade animista. O imaginário sobre a população do sertão ainda estava sendo construído por aquela elite branca, detentora da verdade e produtora dos sentidos.

Neste aspecto, a ciência e todo um discurso médico-legal passam a representar ‘discursos da verdade’, servindo até mesmo como explicação para determinados problemas sociais. Essas ideias, obviamente, atingem o cotidiano dos cidadãos pelos jornais e passam a constituir elementos para a definição de critérios e perspectivas de civilização (Woitowicz, 2015, p. 118).

No mês de abril do mesmo ano, Estevão Pinto assinou um artigo no *Diário de Pernambuco* sob o título “O Page – aspectos da vida social do Nordeste” e trouxe à memória os fatos ocorridos no Sítio Caldeirão, reportando-se à notícia com a entrevista de Djacir Menezes, publicada no mês de janeiro. Pinto (1937, p. 14) afirmou que, no segundo volume do



seu livro *Os indígenas do Nordeste*³, teve a oportunidade de estudar vários casos desse fenômeno, que tem o nome, segundo ele, de “delírios arcaicos”. Citando Arthur Ramos, para corroborar o que ele está chamando de “delírio arcaicos”, diz que esse pensador incluiu, em seus estudos sobre psicoses gregárias, algumas manifestações místicas ocorridas no Brasil, tais como Canudos, Contestado e Caldeirão. Para chegar ao título do seu artigo no jornal, toma emprestadas as “convicções” de Afrânio Peixoto, que nomina um dos líderes religiosos do período colonial “Anchieta dos Pages”, o qual muitos seguiram venerando-o como um grande santo.

As conclusões dos autores acima citados eram na mesma linha das análises das notícias sobre a dispersão dos moradores do Sítio Caldeirão em 1936. Parte das famílias expulsas de suas casas foi para a Serra do Araripe, e, lá, essas famílias se encontraram com José Lourenço e formaram uma pequena comunidade. Nesse local, abrigadas em casas com pouca estrutura, trataram de se esconder da polícia, que continuava a vigiar a região (Alves, 2012).

Havia o temor de que o Caldeirão se transformasse em novo Canudos. Nesse sentido, a Igreja, a elite política e a comercial se juntaram para perseguir o beato, corroboradas pelas informações publicadas na imprensa cearense. Segundo Menezes e Pinho (2017, p. 77), “esses grupos impulsionaram na imprensa do país uma feroz campanha difamatória, recheada de preconceitos, dedicada tanto a destruir a comunidade quanto seu líder”. As denúncias contra o ajuntamento da Serra do Cariri foram divulgadas em maio de 1937, incentivando a força policial a agir contra a comunidade. Quem recebeu as ordens para atacar o ajuntamento era um velho conhecido do Caldeirão, o capitão José Bezerra, que estava aquartelado em Juazeiro do Norte e enviou comunicado ao chefe de polícia no dia 10 de maio, informando-lhe que estava indo à Serra do Araripe verificar a situação, com um destacamento de onze soldados. Parece-nos que o capitão José Bezerra não esperava que os fiéis estivessem organizados para o ataque, pois prenunciava que fosse como da primeira vez. Porém, o Beato Severino Tavares se preparou com alguns seguidores para receber a força policial. Perto das casas dos fiéis, os soldados foram atacados, tendo como resultado a morte do capitão José Bezerra, do seu filho sargento Anacleto Bezerra e do soldado Josafá Gonçalves, além de outros gravemente feridos. Ainda como

³ Livro publicado pela Editora Nacional em 1935 tratando dos problemas da etnografia do Brasil, da classificação dos índios e de suas relações com os brancos.



resultado da luta, o Beato Severino Tavares falecera, sendo sepultado na mata da Serra do Araripe.

A partir desse fato, mais uma vez, a notícia chega à imprensa do Ceará, sendo, conseqüentemente, divulgada nos jornais de Pernambuco, que emitiam opiniões acerca do movimento do Caldeirão. *O Pharol*, de Petrolina, no dia 15 de maio de 1937, estampava a informação do fato com a manchete “O fanatismo ao serviço do crime”:

Informam do Ceará que o célebre Beato José Lourenço, do Sítio Caldeirão, chefiando uma multidão de fanáticos armados de cacete tentou atacar o Crato e que o capitão José Bezerra sabendo da aproximação do grupo foi ao seu encontro travando-se, a uma légua da cidade, o grande conflito entre a polícia e os fanáticos resultando no mesmo a morte daquele oficial, de seis praças do destacamento e de vários atacantes subindo a 50 o número de mortos. Consta que o governo de estado tomou enérgicas providências (*O Pharol*, 15 maio 1937, p. 01).

A informação, como percebemos, exagera nos fatos, repetindo o boato do suposto ataque à cidade do Crato pelos seguidores de José Lourenço, estimando muito além do ocorrido a quantidade de mortos no confronto. Por sua vez, o *Diário de Pernambuco* do dia 22 de maio publicou uma extensa notícia, republicada do jornal *Gazeta de Notícias* de Fortaleza, com duas manchetes dando conta da situação e elencando fatos que conduzem ao leitor interpretação parcial do ocorrido: “chacina do sítio Caldeirão” e “trucidamento do Capitão José Bezerra”. Na descrição, ficou entendido que foram os seguidores de Lourenço que atacaram e não o contrário. Mas a intenção era essa mesma, como sempre ocorre na divulgação dos confrontos das manifestações populares: a polícia nunca ataca primeiro (*Diário de Pernambuco*, 22 maio 1937, p. 07).

O *Diário de Pernambuco* usou como fonte da informação *A Gazeta de Notícias* de Fortaleza, que publicou o ocorrido no dia 12 de maio. As palavras utilizadas na notícia dão a tônica, afirmando que ocorrera o “trucidamento” do capitão José Bezerra e de outros elementos da corporação, quando, em diligência, foram surpreendidos e emboscados por um numeroso grupo de fanáticos de José Lourenço, que haviam sido desalojados do “antro” do Caldeirão.

Foi em 1936 que as autoridades passaram a acompanhar de perto os passos de José Lourenço, figura central do “perigoso núcleo de fanáticos” para ali transplantado depois da morte do Padre Cícero em 1934. O texto afirma que, enquanto o ajuntamento se manteve em



atitude pacífica e laboriosa, as suas atividades só interessavam aos curiosos. Porém, as autoridades foram sabedoras de fatos singulares e resolveram investigá-los. Não há, nessa parte da informação, quais fatos “singulares” motivaram a investigação.

A tarefa dessa investigação, segundo a matéria, coube ao capitão José Bezerra, que se fez passar por industrial, interessado em conhecer as possibilidades econômicas da região, não despertando no local a menor suspeita. Foi por orientação de José Bezerra, conforme consta, que o Caldeirão deveria ser desarticulado, pois representava “a planta daninha do banditismo fanático que se alastrava pela região” (*Diário de Pernambuco*, 22 maio 1937, p. 07).

A notícia rememora em detalhes o acontecido em setembro de 1936, quando a comunidade foi desarticulada pela força policial. Com o ensejo de dar enlace aos acontecimentos de 1936 e 1937, o articulista passou a informar porque o capitão José Bezerra teve de se encontrar mais uma vez com os seguidores de José Lourenço. O início da narrativa expõe a história do guia de nome Sebastião Marinho, que foi o responsável por levar o capitão à localidade do combate. O guia chegou ao Crato anunciando que Severino Tavares, “cangaceiro do Rio Grande do Norte”, havia chegado ao ajuntamento com cem cangaceiros, jurando atacar o lugarejo conhecido como Conceição e, em seguida, a cidade do Crato (*Diário de Pernambuco*, 22 maio 1937, p. 07).

O comandante da tropa foi encurralado próximo à comunidade e “lutou até não poder mais”, segundo a notícia. Mais de cem homens perpetraram o ataque, matando o capitão. A fim de causar comoção nos leitores, a matéria descreve os detalhes do conflito e de como ficou o corpo do capitão José Bezerra e de seus soldados:

O capitão José Bezerra lutou muito, até não poder mais. Recebeu uma foçada na nuca, que provocou a saída da massa encefálica. Foi uma coisa bárbara. O capitão José Bezerra ficou todo cortado, com a cabeça inteiramente rebentada, com os miolos para fora. O sargento Anacleto ficou com a cara toda retalhada, de tal forma que é impossível reconhecer-lhes as feições. Os seus braços foram cortados nas canas (*Diário de Pernambuco*, 22 maio, 1937, p. 07).

O sensacionalismo escrito é uma estratégia de persuasão bastante utilizada quando os motivos são aparentes: o convencimento do leitor da destruição e aniquilamento do outro. Observamos isso nas construções narrativas sobre Canudos e Contestado, quando analisamos esses eventos alhures.



Para o Crato seguirem o chefe de Polícia, capitão Cordeiro Neto, os tenentes José Góis de Campos Barros e Alfredo Dias, e, por via aérea, uma esquadrilha composta de três aviões, conduzindo metralhadoras e bombas. Sobre a esquadrilha, essa mesma notícia do *Diário de Pernambuco*, 22 maio, 1937, p. 07), afirmava: “soubemos que os aviadores militares conseguiram localizar um acampamento dos ‘afilhados’ do Beato José Lourenço, metralhando-o com resultados apreciáveis”. Desde o alto, de avião, metralhar as pessoas gerava “resultados apreciáveis”.

Quantos foram mortos pela força aérea? Os jornais quase não divulgaram essa ação, sendo a primeira no Brasil, em termos de ataque à população civil utilizando aviões com explosivos mortais. Mas, segundo Alves (2012, p. 177), “em voos rasantes, os aviões metralharam e bombardearam as choupanas dos camponeses, enquanto por terra atacavam as forças policiais. Ao tentarem fugir, os camponeses eram atacados a tiros e a baionetas”. Para Gomes (2009, p. 64), houve um massacre naquela região, onde uma população desarmada foi exterminada.

Ocorreu o tão esperado fim do mundo. Foram bombardeados por dois aviões da Força Aérea Brasileira, apoiada por duzentos soldados, morreram sem saber a causa. Não tiveram nenhuma chance de defesa. Não souberam nem por que estavam morrendo. As bombas explodiam, a metralhadora fazia ribombar seus tiros. Os camponeses mal tiveram tempo de acordar. O tempo do fim finalmente chegara até eles pelas mãos da Igreja, do Estado e da convivência silenciosa da sociedade semifeudal daquelas plagas nordestinas.

No dia 02 de junho de 1937, Benjamim Abrahão escreveu um artigo para o *Diário de Pernambuco*, titulado “O reduto do Caldeirão do Beato José Lourenço”. Iniciando a narrativa, detalhou quem era José Lourenço: “um negro de musculatura bem desenvolvida, estatura regular, olhos sombrios”. Abrahão destacou, em seu texto, que o povo de Caldeirão se dedicava à agricultura e à pequena criação, todos obedecendo à ordem do beato e vestindo-se de preto. Lourenço era o único depositador dos objetos de valor do seu povo, “que o reconheciam como o verdadeiro São João do Céu”. O beato oferecia e mandava presentes para algumas pessoas importantes das cidades vizinhas, e, também, enviava prosélitos para os sertões vizinhos, a fim de fazerem propaganda de Juazeiro e de suas atividades. Dentre esses propagandistas, encontrava-se Severino Tavares, conhecido pelos seguidores como “Padrinho Conselheiro” (Abrahão, 1937, p. 5).



Para Abrahão (1937), foi Severino Tavares que, entre 1930 e 1931, penetrou nos estados do Piauí e Maranhão, batizando, confessando, casando e pedindo ao povo para residir em Juazeiro e em Caldeirão. Apesar de perseguido pela polícia, o proselitista seguiu a sua missão pelas matas e agreste pernambucano, sertão de Alagoas, e “próximo à margem do rio São Francisco na povoação de “Caboclo”, no município de Pão de Assucar, deste Estado, Severino fixou aí sua residência temporária” (Abrahão, 1937, p. 5).

Constatamos, pois, que a descrição do Beato Severino por Benjamim Abrahão coadunava-se com a maioria das narrativas já apresentadas aqui pela imprensa e pelos articulistas, que tentavam criar uma impressão nefasta naqueles que liam a informação sobre o Caldeirão e seus moradores. Apesar de ser um texto longo, com muitas informações desencontradas, serviu de base para a construção da narrativa sobre Caldeirão e os beatos na imprensa, não apenas a pernambucana. “O jornalismo figura como ‘arena’ dos grupos e segmentos sociais que se manifestam em meio às (re)configurações do contexto social, disputando verdades e sentidos no universo simbólico da imprensa” (Woitowicz, 2015, p. 255).

Quatro dias depois de publicado esse artigo, o *Diário de Pernambuco* voltou ao assunto, com um texto extenso, assinado por J. de Figueiredo Filho, titulado “O fanatismo do Caldeirão e o Beato José Lourenço - VERDADEIRO QUISTO NO MUNICIPIO DO CRATO”. A manchete já apontava a forma e as intenções da narrativa (Figueiredo Filho, 1937, p. 9).

Em comum com a maioria dos que escreveram artigos para os jornais sobre a problemática do Caldeirão e outros movimentos sociais e religiosos, Figueiredo Filho discorre seu texto com os preconceitos de sempre. Aquela sociedade era primitiva, velha reminiscência afro-indígena, em que os fetiches foram substituídos por práticas do catolicismo completamente deturpado.

Apesar da grande contribuição do sangue negro em muitos daqueles infelizes mestiços, não há indícios entre eles da prática da macumba ou outras modalidades de feitiçarias de origem africana. Somente algumas rezas e benzeduras quase sem importância (Figueiredo Filho, 1937, p. 9).

A liderança da comunidade, José Lourenço, era descrita da mesma forma como outros articulistas descreveram: chefe supremo, absoluto, feitor nos trabalhos agrícolas, arrecadador da produção e distribuidor, autoridade máxima religiosa, sendo confundido até com os próprios santos da Igreja. Quanto aos liderados pelo beato: fanáticos, porque eram gerados por causa da





ignorância e falta de assistência por parte dos governos, facilitando, com isso, a retirada de proveito em benefício do líder máximo. Daí a “verdadeira disciplina religiosa nos trabalhos e finalmente em toda a marcha normal da vida na comunidade matuta” (Figueiredo Filho, 1937, p. 9).

Para o autor do artigo, as romarias em visita ao túmulo do Padre Cícero robusteciam as idas ao Sítio Caldeirão, aonde os romeiros iam em busca dos conselhos salutares. “Na falta do patriarca idolatrado pelas massas ignorantes, existia o discípulo amado. E muitos ficaram instalados na nova terra miraculosa, caminho certo das regiões paradisíacas do além-túmulo” (Figueiredo Filho, 1937, p. 9). Como a comunidade cresceu, chamou a atenção das autoridades, que, a fim de evitar as consequências funestas que ocorreram com o episódio de Canudos, resolveram dispersar o ajuntamento, salientou Figueiredo Filho (1937).

Ainda no mês de junho, no dia 12, o jornal petrolinense *O Pharol* publicou uma notícia acerca da perseguição aos seguidores de José Lourenço. A matéria titulava-se “Perseguidos pela polícia cearense” e dava conta de que eles estavam “invadindo” os municípios limítrofes. O jornal afirma que um desses municípios é Petrolina, onde já se acham “assinalados grupos de malfeitores, apetrechados de armas”. Solicita providências às autoridades policiais, no que chama de “em prol da tranquilidade pública”. “Aqui fica, pois, o nosso veemente apelo ao senhor capitão Optato Gueiros, ilustre delegado regional, confiados, nesta hora de apreensões, o sossego e o relativo bem-estar da população do município (*O Pharol*, 12 jun. 1937, p. 1).

Pequenas considerações

Os movimentos sociais religiosos ocorridos no Brasil entre a última década do século XIX e as primeiras quatro décadas do século XX dão conta de uma História que ainda precisa ser contada e registrada nos livros didáticos. Apesar de Canudos ter conseguido ser visível, outros movimentos sequer constam das memórias oficiais. Nossa intenção ao pesquisar o movimento do Caldeirão de Santa Cruz é contribuir para a história local e regional, trazendo mais elementos para o debate da historiografia brasileira. A partir da imprensa, conseguimos dar outros sentidos aos fatos, tentando manter viva a memória do passado. Todorov (2000, p. 58) bem afirma que fazemos História, “não para pedir reparação pelos danos sofridos, mas para estar atentos a situações novas, mas semelhantes. O racismo, a xenofobia e a exclusão sofridos



por outros hoje não são os mesmos que eram há cinquenta, cem ou duzentos anos; é precisamente em nome desse passado que não devemos agir menos no presente”. Que a memória e a História do povo assassinado, nesses movimentos sociais religiosos, jamais seja esquecida e que possamos reverberar a forma como a elite branca, classista e detentora dos meios de informações tentaram ao longo do tempo criar imagens e imaginários sobre a população marginalizada desse país.

Referências

ABRAHÃO, Benjamim. O reduto do “Caldeirão” do Beato José Lourenço. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 05, 02 jun. 1937.

ALMEIDA, Maria Isabel Medeiros. **Memória e História: o Caldeirão de Santa Cruz do deserto na narrativa histórica**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ALMEIDA, Moisés Diniz de. **Acalmar, intrigar e persuadir: as lutas partidárias e as representações moderadas e sensacionalistas sobre a Guerra de Canudos na Imprensa de Pernambuco**. 2001. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História), Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2001.

ALMEIDA, Moisés Diniz de. **Para que não hajam novos Canudos: a imprensa de Pernambuco e suas narrativas sobre o Contestado, Caldeirão e Pau de Colher**. 2022. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/44240/1/TESE%20Mois%C3%A9s%20Diniz%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 08 set. 2023.

ALVES, Tarcísio Marcos. **A Santa Cruz do deserto: a comunidade igualitária do Caldeirão**. Recife: Néctar, 2012.

BARROS, José Góes de Campo. **A Ordem dos Penitentes: exposição**. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1937.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar que dizer**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998a.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998b.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CARIRY, Rosember. O Beato José Lourenço e o Caldeirão de Santa Cruz. **Itaytera**, Crato, p. 189-199, 1982.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 13-28.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 61-80.

DIÁRIO DA MANHÃ. Uma experiência do regimen comunista no sertão do Ceará. Recife, p. 03, 17 set. 1936.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Zé Lourenço, o Santo do Caldeirão, no Crato. Recife, p. 14, 01 out. 1936.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. O Patriarca Zé Lourenço, curiosos detalhes de sua vida e de seus prosélitos no interior cearense, encaminhador de promessas e senhor de 15 mulheres – a subida para o céu. Recife, p. 14, 15 out. 1936.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. A chacina do Sítio “Caldeirão”, Recife, p. 07, 22 maio 1937.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. O fanatismo de Caldeirão e o Beato José Lourenço. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 09, 06 jun. 1937.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. O conflito religioso do Caldeirão de Santa Cruz do deserto. **Revista USP**, São Paulo, n. 82, p. 54-67, jun./ago. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13750>. Acesso em: 08 set. 2023.

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 123-142.

JORNAL PEQUENO. Cousas do Joazeiro. p. 02, 15 mar. 1909.

MACHADO, Antônio de Alcantara. Os fanáticos do Caldeirão. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 02, 28 fev. 1935.

MENEZES, Djacir. Aspectos e problemas do Nordeste. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 05, 01 jan. 1937.



MENEZES, Sônia; PINHO, Fátima. Imprensa, anticomunismo e fé: a destruição do Caldeirão de Santa Cruz do deserto nas representações da imprensa brasileira (1936-1937). **Em perspectiva** – Revista discente do PPGH/UFC, v. 3, n. 1, p. 75-96, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51718/1/2017_art_smmsilvamfmpinho.pdf. Acesso em: 08 set. 2023.

O PHAROL, O fanatismo, a serviço do crime. Petrolina, p. 01, 15 maio 1937.

O PHAROL. Perseguidos pela polícia cearense. Petrolina, p. 01, 12 jun.1937.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Hacia el análisis automático del discurso**. Madrid: Editorial Gredos, 1978.

PINTO, Estevão. O page - aspectos da vida social do Nordeste. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 14, 11 abr. 1937.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o Caldeirão do Beato José Lourenço**. 2009. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Letras e Artes s Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/13727/1/DiscursoReligiosoProcesso_Silva_2009.pdf. Acesso em: 27 mar. 2018.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000.

WOITOWICZ, Karina Jans. **Imagem contestada**: a Guerra do Contestado pela escrita do Diário da Tarde (1912-1916). Ponta Grossa: UEPG, 2015.

Submetido em: 08.09.2023

Aprovado em: 30.04.2024

